

## GUERRAS NA ITÁLIA (1494-1525)

*“As relações normais entre os Estados, sejam de direito ou de violência, são a concorrência e a guerra. A guerra é para a humanidade uma situação normal e benéfica que leva à seleção dos melhores Estados, os que têm as melhores formas políticas e são destinados a sobreviver e a dominar. O objetivo das sociedades humanas é o desenvolvimento da força e a conquista do poder, que devem ser a principal preocupação dos homens de Estado. O Estado deve agir depressa no exterior, gostar da ofensiva preventiva e evitar a neutralidade. Deve ter boas leis, porque a paz entre os cidadãos é a condição dos exércitos sólidos. Deve desenvolver sistematicamente as virtudes militares entre os cidadãos. O chefe de Estado deve sempre ser um chefe de exército. O Estado em guerra deve renunciar a todo sentimento de humanidade e procurar a completa destruição das forças inimigas por todos os meios. O equilíbrio das forças está inscrito nos tratados. Mas os chefes de Estado não devem hesitar em trair sua palavra ou violar sua assinatura no interesse do Estado.”*<sup>11</sup>

Maquiavel

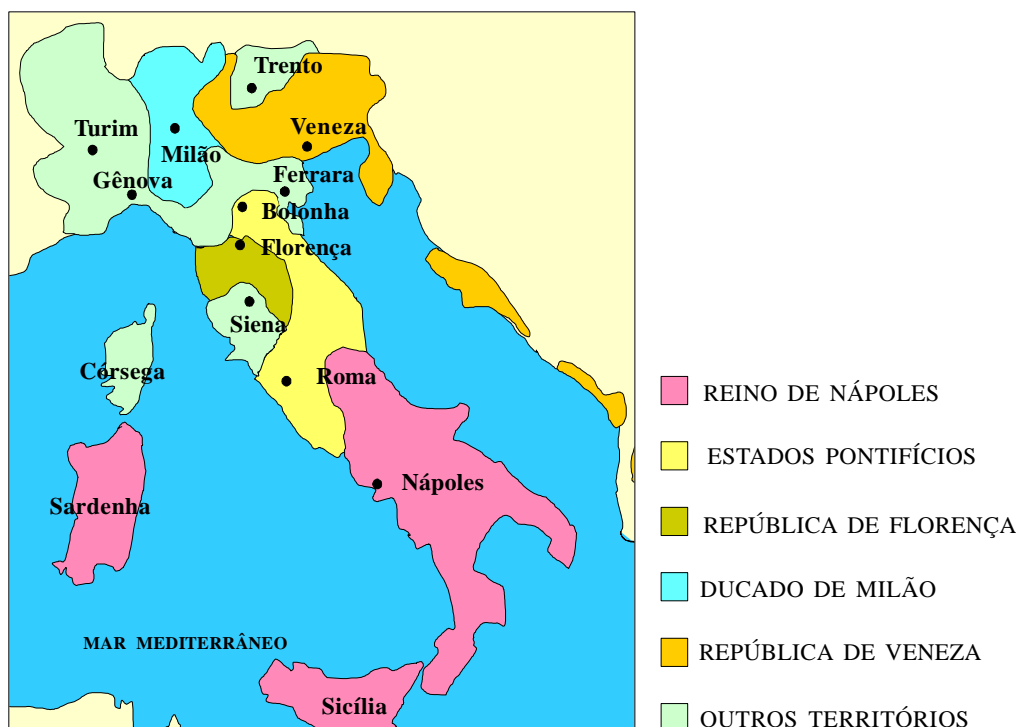
Nicolau Maquiavel (1469-1527), filósofo, político e historiador florentino, desenvolveu a base do pensamento político moderno, ao secularizar e racionalizar a filosofia política, libertando-a da moralidade cristã. Preocupava-se com o futuro da Itália, que, embora tivesse regiões prósperas, encontrava-se fragmentada politicamente. No final do século XV havia cinco Estados que dominavam a península Italiana: o Reino de Nápoles, os Estados Pontifícios, a República de Veneza, o Ducado de Milão e a República de Florença.

Os governantes italianos, movidos por ambições, enredavam-se em perigosos conflitos pela hegemonia, onde traições, subornos e acordos indecorosos eram rotineiros. Quando as crises tornavam-se agudas, parecendo que só se resolveriam mediante o emprego da violência, recorriam aos serviços dos “condottieri” (chefe). Estes, líderes de tropas compostas por mercenários, punham-se à disposição do governante que lhes oferecesse o melhor pagamento.

O confronto direto entre tropas mercenárias, no entanto, dificilmente ocorria, pois os “condottieri” temiam perder seus homens, equipamentos e armamentos numa batalha campal. Em virtude disso, preferiam manobrar, recuando ou avançando vagarosamente, até que os governantes que os haviam contratado chegassem a um acordo.

<sup>11</sup> apud **História geral das civilizações**: os séculos XVI e XVII, 1968, p. 49 - 50.

#### PENÍNSULA ITALIANA NO FINAL DO SÉCULO XV



Enquanto os Estados italianos se digladiavam, em outras partes da Europa emergiam poderosos estados nacionais, como os da França e da Espanha. Nestes países, após um longo processo, com apoio da burguesia, os reis centralizaram o poder político, formaram poderosos exércitos e estabeleceram leis e sistemas de tributação em âmbito nacional. Tais medidas fortaleceram a burguesia, o monarca e o Estado.

Importante força no cenário da Europa também era o Sacro Império Romano-Germânico, mas este encontrava-se fragmentado em diversas unidades políticas, cada qual com diferentes graus de autonomia em relação ao sacro imperador, que era eleito.

Os temores de Maquiavel quanto ao futuro de uma Itália dividida e fraca se concretizaram em 1494. Neste ano, o rei francês Carlos VIII, de Valois, resolveu invadir a península Italiana para se apossar do Reino de Nápoles, do qual se considerava herdeiro (Carlos VIII descendia de Carlos I, de Anjou, que havia fundado o reino napolitano no século XIII).

Para atingir seu objetivo, Carlos VIII organizou um poderoso exército de cerca de vinte mil homens, composto por infantaria, cavalaria e artilharia. Esta força não era composta somente por franceses, pois, como era normal na época, foram contratados mercenários em diferentes locais da Europa.

A artilharia era um dos pontos fortes de Carlos VIII. Os canhões tiveram origem com o advento da pólvora, uma mistura de salitre, carvão e enxofre, que, inventada na China no século IX, chegou à Europa no século XIII. Assim como os chineses, os

européus logo perceberam que a pólvora, quando inflamada dentro de um tubo, produzia uma força propulsora capaz de lançar projéteis a uma longa distância.

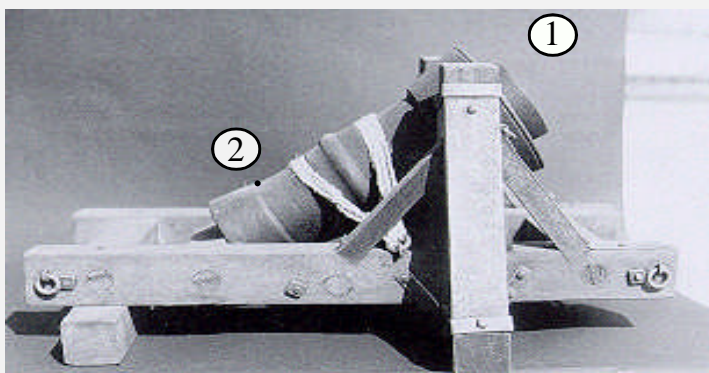
Os primeiros canhões europeus tinham a forma de potes e disparavam projéteis com eficácia inferior às armas de arremesso até então conhecidas. Rapidamente, no entanto, os primitivos potes foram aperfeiçoados dando origem a barris tubulares, confeccionados com ferro batido ou bronze forjado, que arremessavam de forma potente bolas de ferro ou pedras. Em 1453, o sultão turco Maomé II abriu caminho pelas muralhas de Constantinopla graças a enormes canhões chamados bombardas, o maior dos quais pesava aproximadamente dezenove toneladas.

Os grandes canhões, porém, tinham diversas inconveniências: eram difíceis de serem deslocados, exigiam muito tempo para serem recarregados e muitas vezes explodiam ao serem acionados, terminando por matar sua própria guarnição. Os franceses solucionaram em parte tais problemas. Construíram canhões menores de bronze forjado, que podiam ser transportados por carroças de duas rodas, puxadas por cavalos. Esses canhões eram capazes de realizar disparos rápidos, produzindo, no mesmo espaço de tempo, maior destruição do que os grandes canhões. Carlos VIII equipou seu exército para a campanha na Itália com quarenta pequenos canhões de bronze, que já prediziam o potencial da artilharia das guerras futuras.

Carlos VIII não se descuidou da infantaria. Contratou cerca de oito mil mercenários suíços, tidos como os melhores infantas pesados da época. Os suíços, no século XIV, após árduas lutas, haviam conseguido autonomia para seus cantões. Formavam exércitos profissionais, bem treinados e disciplinados, chamados “bandas”. Armavam-se, de acordo com sua especialidade, com longos piques, alabardas, partasanas, espadas, arcos, bestas ou armas de fogo portáteis. Protegiam-se com couraças, coxotes e capacetes de couro revestidos com ferro. Lutavam em formações cerradas e profundas de até doze fileiras, que evoluíam de forma rápida, coordenada e violenta nos campos de batalha.

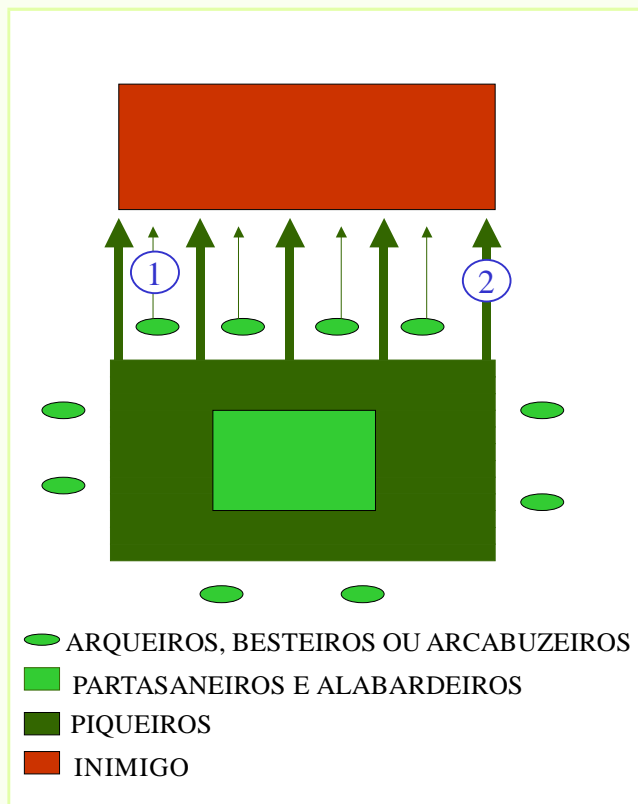
#### PROCESSO DE DISPARO DOS PRIMEIROS CANHÕES

CANHÃO DO INÍCIO DO SÉCULO XV



Colocava-se a pólvora e depois o projétil pela “boca” da arma (antecarga) (1). Em seguida, introduzia-se pelo “ouvido” da arma (orifício por onde se colocava o fogo em contato com as cargas) (2) um ferro em brasa que detonava a pólvora. A explosão resultante da detonação da pólvora expelia o projétil para fora do tubo.

## FORMA USUAL DE COMBATE DAS BANDAS SUÍÇAS



Os piqueiros predominavam nas bandas, formando um dispositivo com várias fileiras de profundidade. Alabardeiros e partasaneiros ficavam no centro da formação, enquadrados pelos piqueiros. Arqueiros, besteiros e arcabuzeiros se posicionavam espaçadamente ao redor da formação, fazendo a segurança.

O combate era iniciado pelos arqueiros, besteiros e arcabuzeiros que disparavam projéteis contra o inimigo, procurando desgastá-lo (1). Em seguida, os piqueiros lançavam seu poder de choque contra o adversário (2). Alabardeiros e partasaneiros, com suas armas mais curtas, próprias para o combate corpo-a-corpo, intervinham no combate quando algum inimigo penetrava na formação ou quando a sua banda conseguia abrir uma brecha no dispositivo do inimigo.

A banda suíça era particularmente eficiente para se defender de ataques de cavalaria, pois os cavaleiros normalmente se viam detidos ante a muralha de lanças dos piqueiros.

O rei francês também contratou, na Alemanha, excelentes infantes pesados, denominados lasquenetes, que guerreavam de forma semelhante aos suíços, em bandas. Quando em lados opostos, lasquenetes e suíços travavam violentos combates, em que cada lado procurava mostrar sua superioridade.

Para sua infantaria leve, o monarca francês recrutou combatentes do norte e gascões do sul da França. Eles eram menos equipados e disciplinados do que suíços e lasquenetes, mas possuíam mais iniciativa. Formavam grupos flexíveis que contrastavam com a rigidez das bandas. Também incluiu em seu exército infantes armados com bestas e arcabuzes (arma de fogo portátil), a cavalo e a pé. Os primeiros, em maioria provinham da Alemanha, os últimos predominantemente da França.

As armas de fogo portáteis surgiram quando se pensou em diminuir o tamanho dos canhões. As primeiras, chamadas “paus-de-fogo”, necessitavam de dois homens para serem disparadas, um fazia a pontaria e o outro provocava o disparo ao introduzir pelo ouvido da arma um ferro em brasa que atingia a pólvora.

No final do século XIV, os “paus-de-fogo” receberam uma coronha, surgindo o arcabuz, que era disparado inflamando-se a pólvora por meio de uma mecha (ou morrão). A mecha queimava lentamente, dando mais liberdade de movimento ao atirador, que ficava dispensado de ficar perto de uma fonte de fogo. Em meados do século XV, o arcabuz foi aprimorado com a introdução de um mecanismo de ferro em forma de “S”, na parte superior do qual (serpentina) se prendia a mecha. Ao se acionar a parte inferior do mecanismo em “S”, a serpentina conduzia a mecha até a escorva, dando início à inflamação da pólvora. O mecanismo em “S” possibilitou que o atirador se preocupasse somente em fazer a pontaria, pois não precisaria mais se preocupar em conduzir a mecha até a escorva com uma de suas mãos.

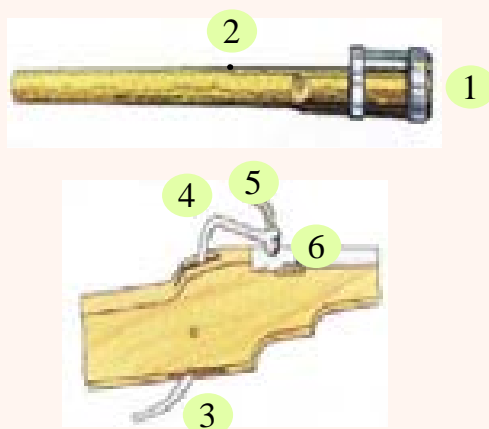
Embora pesadas (algumas precisavam ser apoiadas em uma forquilha para o disparo), pouco potentes (alcance de vinte e cinco a setenta e cinco metros) e com pequena cadência de tiro (um disparo a cada dois ou três minutos), as armas de fogo portáteis tinham uma grande vantagem em relação a arcos e bestas: seus atiradores necessita-

#### PIQUE, PARTASANA E ALABARDA



O pique era uma lança comprida que podia chegar a sete metros (ponta de pique - 1); a partasana era uma lança menor que o pique (2); a alabarda era formada por uma haste, rematada por um ferro pontiagudo, atravessado por uma lâmina cortante em forma de meia-lua (3).

#### PROCESSO DE DISPARO DAS PRIMEIRAS ARMAS DE FOGOS PORTÁTEIS



Nos “paus-de-Fogo” colocava-se a pólvora e depois o projétil pela “boca” da arma (antecarga) (1). Em seguida, introduzia-se pelo “ouvido” da arma um ferro em brasa que detonava a pólvora (2).

O arcabuz era carregado do mesmo modo que os “paus-de-fogo”; o acionamento da carga, porém, era diferente. Agia-se na parte inferior (3) do mecanismo em “S”, o que fazia com que sua parte superior (serpentina) (4) abaixasse conduzindo a mecha acesa (5) até a escorva, no “ouvido” da arma (6), dando início à detonação da pólvora.

Em ambos os casos, a explosão resultante da detonação da pólvora expelia o projétil para fora do tubo.

vam de pouco treinamento para manuseá-las eficazmente. Gradativamente, bestas e arcos foram substituídos pelas armas de fogo nas batalhas.

A cavalaria de Carlos VIII era formada pelos gendarmes, nobres franceses, pagos pelo rei, a quem estavam ligados por laços de honra. Os cavaleiros usavam armaduras pesadas que lhes protegiam o corpo todo, tornando-os, porém, lentos. A cavalaria era vista como a fração a ser utilizada para decidir o combate, em virtude do poder de choque e do valor de seus integrantes.

Com este exército formidável para os padrões da época, Carlos VIII esperava conquistar Nápoles. Em 1494, cruzou os Alpes e, em seguida, marchou para o sul da península Italiana sem encontrar resistência. A poucos quilômetros de Nápoles, seus canhões, em cerca de quatro horas, abriram brechas nas muralhas da fortaleza do monte San Giovanni, por onde penetraram as tropas sitiadas que terminariam por conquistar a fortificação. Carlos VIII, logo após, apoderou-se da cidade.

A tomada de Nápoles pelos franceses, entretanto, desagradou o soberano espanhol Fernando II, pois a família que até então governava aquela cidade tinha parentesco com a família real espanhola (ambas eram da Casa de Aragão).

Em resposta à invasão de Carlos VIII, o soberano espanhol resolveu intervir na Itália. Para isso formou uma aliança contra os franceses chamada “Santa Liga”, da qual faziam parte os Estados Pontifícios, o Ducado de Milão, a República de Veneza e o



A imagem ao lado ilustra parte das forças de Carlos VIII que invadiram a Itália. À direita, observa-se a cavalaria; ao centro, canhões puxados por cavalos; e à esquerda, infantaria suíça.

Sacro Império Romano-Germânico (todos preocupados com uma possível supremacia francesa na Itália). Diante de tão poderosa aliança, Carlos VIII decidiu regressar para a França com boa parte de suas tropas.

Durante seu retorno, em Fornovo, no norte da Itália, o Exército Francês se defrontou com uma força da “Santa Liga”, formada predominantemente por cavaleiros dos “condottieri”. No embate que se seguiu, a artilharia francesa repeliu uma carga dos cavaleiros inimigos, que foram, em seguida, massacrados pela infantaria e cavalaria da França. A campanha de Carlos VIII chegava ao fim, mostrando a fraqueza militar em que se encontravam os Estados italianos.

Em 1498, enquanto prosseguiam as lutas em Nápoles, o rei francês Carlos VIII faleceu, sendo sucedido por Luís XII. Este soberano estendeu as guerras para o norte da Itália, pois se dizia herdeiro de Milão, já que era bisneto de Giangaleazzo Visconti, fundador do ducado.

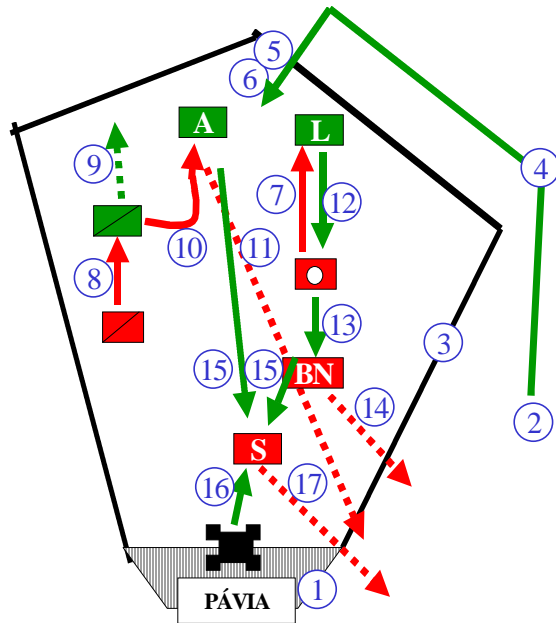
Em 1499, Luís XII invadiu o Ducado de Milão, conquistando-o. Com isso, intensificaram-se as lutas entre a Casa da França e a “Santa Liga”. As forças de Luís XII conseguiram expressivas vitórias no norte da Itália, mas acabaram expulsas da região, após terem sido derrotadas por uma força ítalo-suíça na Batalha de Novarra. Mesmo vencidos em Novarra, os franceses causaram muitas baixas aos adversários neste embate, pois empregaram sua artilharia diretamente contra as densas formações das bandas que estavam a serviço da “Santa Liga”. Ficava comprovado que a artilharia era essencial não só nos cercos a cidades, mas também em batalhas campais.

Em 1502, os espanhóis enviaram uma expedição para o sul da Itália, comandada por Gonzalo Fernández de Córdoba, com o intuito de expulsar os franceses que ainda se encontravam em Nápoles. Córdoba contava com muitos arcabuzeiros em suas tropas, que se mostraram vitais para as vitórias espanholas que se seguiram. Na Batalha de Cerignola, em 1503, Córdoba dispôs seus arcabuzeiros atrás de uma paliçada, de onde repeliram pelo fogo os ataques da cavalaria francesa e dos infantess suíços, conseguindo uma retumbante vitória. Pouco tempo depois, no rio Garigliano, Córdoba venceu decisivamente os franceses, expulsando-os definitivamente do Reino de Nápoles.

No ano de 1515, um novo monarca francês, Francisco I, voltou a atacar Milão, que se encontrava defendida pelos suíços. Nas batalhas de Marignano, em 1515, e de Bicocca, em 1522, os franceses, combinando as ações da infantaria, cavalaria e artilharia, infligiram pesadas derrotas às forças suíças, que só dispunham de infantess.

Em 1525, na Batalha de Pávia, foi a vez de os franceses confiarem demasiadamente em uma só arma. Em um momento decisivo do embate, Francisco I, à frente de sua cavalaria, carregou frontalmente contra arcabuzeiros espanhóis. No confronto, a cavalaria francesa acabou dizimada pelo fogo espanhol, tendo o próprio Francisco I sido ferido e aprisionado. Derrotado, o monarca francês, pelo Tratado de Cambrai, em 1529, teve de renunciar às suas pretensões italianas.

## BATALHA DE PÁVIA



### LEGENDA

#### HISPANO-IMPERIAIS

**A** ARCABUZEIROS

**L** LASQUENETES

**C** CAVALARIA

#### FRANCESES

**4** ARTILHARIA

**5** BANDA NEGRA

**6** INFANTARIA SUÍÇA

**7** CAVALARIA

Em 1525, nas cercanias da cidade de Pávia, no norte da Itália, tropas a serviço da França, lideradas pelo monarca Francisco I, enfrentaram forças da Espanha e do Sacro Império Romano-Germânico, comandadas pelo Marquês de Pescara. Em disputa estavam territórios localizados no norte da Itália. Francisco I, após conquistar Milão, marchou até a cidade de Pávia, sitiando-a. Pávia (1) era defendida por 6 mil espanhóis. Carlos V, rei espanhol e também sacro imperador, ordenou a Pescara que socorresse a guarnição que defendia Pávia. Francisco I possuía um efetivo de cerca de 25 mil homens, de diferentes nacionalidades (franceses, italianos, suíços e alemães); Pescara contava com cerca de 23 mil homens (da Espanha e do Sacro Império). Os hispano-imperiais contavam com aproximadamente 1.500 arcabuzeiros, muito disciplinados. Pescara fez uma marcha de aproximação, estacionando nas proximidades de Pávia (2). O exército de Francisco I estava protegido pelo muro do castelo de Pávia (3). Na noite de 24 de fevereiro de 1525, as tropas de Pescara se deslocaram (4), abrindo uma brecha no muro que protegia as tropas de Francisco I (5). Ao alvorecer, os hispano-imperiais irromperam pelo parque (6). A artilharia de Francisco I reagiu, causando muitas baixas à infantaria espanhola (lasquenetes) (7). Em seguida, a cavalaria francesa, tendo à frente o rei Francisco I, carregou contra a cavalaria espanhola (8), repelindo-a (9). Depois disso, a cavalaria francesa atacou frontalmente os arcabuzeiros espanhóis (10), mas acabou sendo dizimada pelo fogo adversário, recuando em desordem (11). Entrementes, os lasquenetes derrotaram a artilharia francesa (12) e a Banda Negra (infantes alemães a soldo da França) (13), que se retiraram (14). Finalmente, os infantes hispano-imperiais (15), juntaram-se a uma surtida desencadeada pelos espanhóis que estavam sitiados (16), derrotando as últimas forças de Francisco I (8 mil suíços), que também abandonaram o campo de batalha (17). Francisco I foi ferido e aprisionado. A vitória hispano-imperial deveu-se incontestavelmente ao fogo dos arcabuzeiros, que, no momento decisivo da batalha, bateram fragorosamente a cavalaria francesa. Na Batalha de Pávia ficou comprovada definitivamente a importância das armas de fogo, marcando-se, nesse combate, a chegada de uma nova era: a da pólvora.



As Guerras na Itália marcaram a transição do modo de guerrear da Idade Média para o da Idade Moderna. Diferentemente do que acontecia na Idade Média, os conflitos na península italiana foram travados por exércitos poderosos e caros, que só podiam ser mantidos por estados com boas finanças.

As armas de fogo demonstraram sua letalidade. Cavaleiros foram dizimados pelo fogo inimigo quando realizaram ataques frontais; e formações densas de infantaria acabaram arrasadas pelo fogo da artilharia adversária. Ações combinadas de infantaria, cavalaria e artilharia trouxeram excelente resultados, embora os comandantes não soubessem ainda executá-las da melhor maneira.

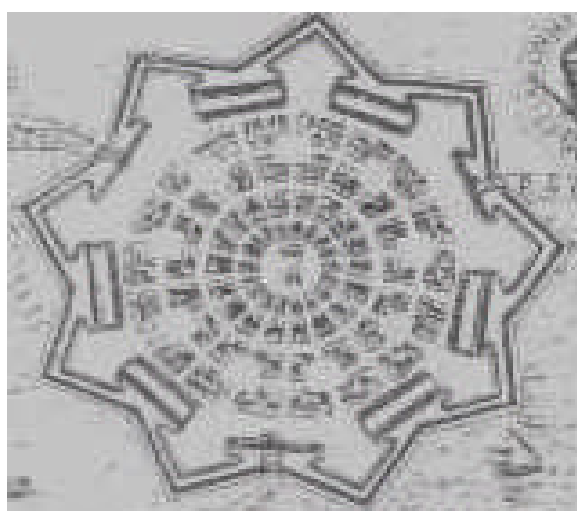
O poder de fogo da artilharia pôs abaixo as altas muralhas típicas da Idade Média, obrigando os engenheiros militares a projetar outras, mais baixas, grossas, em formato de estrela e com ângulos obtusos, para minorar os efeitos dos impactos dos projéteis. As novas fortificações, dotadas de armas de fogo, proliferaram-se por toda Europa, pois davam ao defensor significativa vantagem sobre o sitiante.

As guerras na Itália, no entanto, apresentaram, em determinados aspectos, similaridades com as que ocorreram na Idade Média, pois, de modo geral, caracterizaram-se por cercos e sítios.

As batalhas campais só aconteciam quando ambos os lados considerassem estar com boas chances de vencê-las (era comum um beligerante procurar o abrigo de fortalezas ou cidades fortificadas quando julgava estar inferiorizado militarmente).

Um exército que quisesse realizar uma batalha campal teria dificuldades para levar seu inimigo à luta, pois, enquanto se desdobrava da ordem de marcha para a ordem de batalha, o que demorava devido aos numerosos e lentos efetivos, o adversário retraía, por já se encontrar em ordem de marcha. Para forçar o inimigo a combater, recorria-se a cercos a cidades e fortalezas, obrigando o adversário a socorrê-las, oferecendo oportunidade para um embate direto.

#### FORTIFICAÇÃO DO SÉCULO XVI EM PALMANOVA - ITÁLIA



Havia a possibilidade de se vencer o inimigo de maneira indireta. Para isso, procurava-se cortar as linhas de suprimento ou devastar os campos agrícolas que abasteciam o oponente, obrigando-o a abandonar a luta por falta de recursos. Mesmo tendo uma vitória decisiva, um exército dificilmente conseguia aproveitar seu êxito, pois as dificuldades de abastecimento, a lentidão das colunas de transporte e as péssimas estradas, quando existentes, paralisavam suas operações, prolongando a guerra.

As populações que estavam na rota dos exércitos ou nas zonas em que se travavam os combates sofriam muito com a guerra. Os comandantes militares, ao se retirarem de uma região, mandavam suas tropas arrasar plantações e instalações, para que estas não fossem aproveitadas pelos exércitos inimigos. Se não fizessem isso, os próprios adversários tratariam de pilhar, violentar e torturar os habitantes locais.

No início da Idade Moderna, os soberanos dos estados mais poderosos passaram a prolongar o conflito, visando levar seus adversários a desistirem da luta por falta de fundos. Surgiu, também nesse período, a ideia do equilíbrio de poder entre os Estados europeus. Sempre que um Estado ameaçava dominar o continente, surgia uma coligação para lhe opor resistência. Um exemplo foi a “Santa Liga” nas Guerras da Itália, formada justamente para impedir um demasiado expansionismo francês.

Quando as guerras na Itália terminaram, a Espanha era a potência hegemônica na Europa. Esta supremacia se prolongaria pelo século XVI, mantida em grande parte pelos “terços”, unidades militares espanholas que começaram a tomar forma no final do século XV.

ARCABUZEIRO DO SÉCULO XVI

